



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

LIVYA RAMALHO DE FIGUEIREDO

**NARRATIVAS VISUAIS DA IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DE
ARTISTAS VISUAIS NO CORREIO DAS ARTES (1980-1981)**

JOÃO PESSOA

2024

LIVYA RAMALHO DE FIGUEIREDO

**NARRATIVAS VISUAIS DA IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DE
ARTISTAS VISUAIS NO CORREIO DAS ARTES (1980-1981)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Robson Xavier da Costa

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F475n Figueiredo, Livya Ramalho de.

Narrativas visuais da imprensa : uma análise da contribuição de artistas visuais no Correio das Artes (1980-1981) / Livya Ramalho de Figueiredo. - João Pessoa, 2024.

55 f. : il.

Orientação: Robson Xavier da Costa.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Artes Visuais - TCC. 2. Correio das Artes - Suplemento Literário. 3. Jornalismo cultural. 4. Arte visual - Paraíba. I. Costa, Robson Xavier da. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 7.01(043.2)

LIVYA RAMALHO DE FIGUEIREDO

**NARRATIVAS VISUAIS DA IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DE
ARTISTAS VISUAIS NO CORREIO DAS ARTES (1980-1981)**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes,
da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel(a) em Artes Visuais.

RESULTADO: APROVADA NOTA: 10,0 (DEZ).

João Pessoa, 01 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ROBSON XAVIER DA COSTA**
Data: 05/11/2024 10:25:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Robson Xavier da Costa (presidente/orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **DANIEL LUCENA DA HORA ALVES**
Data: 04/11/2024 16:43:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Daniel Lucena da Hora Alves (examinador titular
interno) Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **ATENA PONTES DE MIRANDA**
Data: 05/11/2024 08:14:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Me. Atena Pontes de Miranda (examinador titular externo à instituição)
Artista visual e Arte/Educadora da Rede Privada de Ensino de João Pessoa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à minha mãe, Suênia, por seu apoio incondicional ao longo de minha vida e jornada acadêmica. Ao meu pai, Luis, que, mesmo com o pouco tempo que compartilhamos nesta vida, me ensinou que o céu é o limite.

Agradeço também aos meus irmãos, Antony e Ayla, por serem tão compreensíveis com a minha ausência, e a toda a minha família que me apoiou durante toda essa trajetória.

Meus sinceros agradecimentos aos amigos que fiz ao longo do caminho — Ana Cláudia, Ana Beatriz, Aurie, Krysna, Laura, Leth, Ray e Thierry — pela companhia constante. Agradeço, ainda, ao querido grupo de pernambucanos, especialmente a João Carlos, pelo carinho e apoio.

Agradeço principalmente ao professor Robson Xavier, pois seu apoio e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço a equipe do acervo do Jornal A União, por disponibilizarem as edições do Correio das Artes.

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo analisar a contribuição de artistas visuais paraibanos no Suplemento Literário Correio das Artes durante o primeiro ano de direção de Sérgio de Castro Pinto (1980-1981). Com o propósito de promover e difundir a produção artística e literária, o Correio das Artes foi fundado pelo poeta e jornalista Edson Régis, circulou pela primeira vez no dia 27 de março de 1949 como um encarte do Jornal A União. Nesta investigação, buscou-se compreender a imprensa como produtor, fomentador e distribuidor de cultura, nos moldes do jornalismo cultural. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com ênfase na modalidade documental, buscando identificar a participação de artistas visuais nas capas e ilustrações nas páginas do Correio das Artes. Por meio da abordagem documental, foram examinadas 34 edições do suplemento, sendo selecionadas duas edições para uma análise mais detalhada, que teve como resultado a identificação do Correio das Artes como um importante espaço para divulgação do trabalho dos artistas visuais da Paraíba.

Palavras-chave: artes visuais; correio das artes; jornalismo cultural.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the contribution of visual artists from Paraíba to the Literary Supplement *Correio das Artes* during the first year of Sérgio de Castro Pinto direction (1980-1981). With the purpose of promoting and disseminating artistic and literary production, *Correio das Artes* was founded by the poet and journalist Edson Régis and first circulated on March 27, 1949 as an insert in the newspaper *A União*. This investigation sought to understand the press as a producer, promoter and distributor of culture, along the lines of cultural journalism. The research was developed from a qualitative approach, with an emphasis on the documentary modality, seeking to identify the participation of visual artists on the covers and illustrations in the pages of *Correio das Artes*. Through the documentary approach, 34 editions of the supplement were examined, two editions being selected for a more detailed analysis, which resulted in the identification of *Correio das Artes* as an important space for the dissemination of the work of visual artists from Paraíba.

Keywords: visual arts; correio das artes; cultural journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 —	Fac-símile do primeiro jornal paraibano em sua 27ª edição, de 29/08/1826.....	16
Figura 2 —	Primeira publicação do periódico O Brado Artístico (1883).....	17
Figura 3 —	Fac-símile do número inaugural do jornal A UNIÃO.....	19
Figura 4 —	Capa da primeira edição da revista FON-FON! (1907).....	26
Figura 5 —	Página três da da revista FON-FON! (1907).....	26
Figura 6 —	Capa da Revista Klaxon.....	27
Figura 7 —	Capa do primeiro número da revista Era Nova.....	28
Figura 8 —	Capa do nº 42 do jornal A União (1926).....	31
Figura 9 —	Terceira página do nº42 da A União (1926).....	31
Figura 10 —	Primeira página do segundo caderno A União, nº 131 (1944).	32
Figura 11 —	Capa da primeira edição do Correio das Artes (1949).....	35
Figura 12 —	Página oito da 1ª edição do Correio das Artes (1949).....	35
Figura 13 —	Vinheta de Fokko Mees (Holandês), edição nº 55.....	37
Figura 14 —	Capa do nº 1 do Correio das Artes (1975).....	38
Figura 15 —	Capa do Jornal A União (1980).....	39
Figura 16 —	Montagem com as 25 capas que contém participação de artistas visuais paraibanos (1980 e 1981).....	42
Figura 17 —	Capas produzidas por Domingos Sávio (131, 145, 151, 155, 164).....	43
Figura 18 —	Mostra das ilustrações de Domingos Sávio (1981).....	44
Figura 19 —	Ensaio fotográfico “QUE ESCURIDÃO É ESSA?” (1980).....	46
Figura 20 —	Páginas da série de Xilogravuras de Unhandejara Lisboa - Ingá (1980, p. 8 e 9).....	47
Figura 21 —	Capa da edição 162 do Correio das Artes (1981).....	48
Figura 22 —	Página 2 do Correio das Artes nº 162 (1981).....	49
Figura 23 —	Montagem com 8 páginas ilustradas por Sandoval Fagundes para o número 162 do Correio das Artes (1981).....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Ordem cronológica das publicações.....	42
--	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A IMPRENSA.....	14
2.1	A história da imprensa no Brasil: breves anotações.....	14
2.2	Imprensa da Paraíba.....	15
2.3	A União: narrativas do jornal.....	18
3	A IMPRENSA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	22
3.1	Jornalismo cultural.....	23
3.2	A revista no Brasil.....	24
3.3	O suplemento literário.....	29
3.4	Suplementos literários do jornal A União.....	30
4	CORREIO DAS ARTES: O SUPLEMENTO.....	34
4.1	Segunda Fase, Correio das Artes: Jurandy Moura e Sérgio de Castro Pinto.....	37
5	ENTRE A IMAGEM E O TEXTO: ANALISANDO AS ARTES VISUAIS NO CORREIO DAS ARTES.....	41
	Edição nº 128, 22 de agosto de 1980.....	45
	Edição nº 162, 22 de novembro de 1981.....	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho nasceu de uma intensa inquietação sobre a divulgação das artes visuais paraibanas. Esse tema surgiu, a partir do envolvimento da autora como bolsista no projeto de iniciação científica “Fora do Eixo: Análise das exposições de artes visuais na Paraíba (décadas de 1980 e 1990)¹”. Entre as atividades realizadas, incluiu-se o levantamento de documentação jornalística sobre exposições de arte no Estado. Dentre os jornais coletados, destacou-se *A União*, responsável pelo suplemento literário *Correio das Artes*. Nesse contexto, o contato com os jornais revelou-se uma área interessante e, ao mesmo tempo, nova. Embora o suplemento não estivesse diretamente relacionado ao foco do projeto, as interações obtidas durante as atividades abriram caminho para o desenvolvimento deste trabalho.

O *Correio das Artes* surgiu com o objetivo de integrar a Paraíba ao movimento literário e artístico brasileiro, promovendo uma conexão com os acontecimentos culturais do país e, contribuir na divulgação dos valores mais representativos da produção local de literatura e das artes. Ao longo de sua história, passou por períodos difíceis, com interrupções forçadas, mas que mesmo com contratempos, conseguiu se manter em circulação. Hoje, é considerado o mais antigo suplemento em circulação no Brasil — atualmente, assume o formato de revista². Em 2024, o *Correio das Artes* celebrou 75 anos de história de contribuição para as mais variadas expressões artísticas do seu Estado.

Na década de 1980, com a direção de Sérgio de Castro Pinto, o suplemento recebeu o prêmio de melhor divulgação cultural do País, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Além disso, passou a fazer parte do acervo da Modern Language Association of America (MLA), responsável por catalogar as principais publicações culturais do mundo.

Para compreender as discussões existentes sobre o suplemento literário, foi realizado um levantamento de trabalhos acadêmicos que tiveram o *Correio das Artes* como objeto de estudo. Esses levantamentos foram desenvolvidos utilizando-se a base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e

¹ O Projeto de pesquisa é desenvolvido pelo Prof. Dr. Robson Xavier da Costa, e em cooperação do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão – AMI/UFPB/CNPq, do Departamento de Artes Visuais da UFPB.

² Neste trabalho, não trataremos o *Correio das Artes* como revista, mas sim como um suplemento, devido ao recorte específico da pesquisa.

Dissertações (BDTD), Repositório Institucional da UFPB e o Google Scholar. Entre as publicações encontradas, destaca-se o trabalho de Tiago Dantas Germano (2005) para a graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, intitulado *O Correio das Artes e a bipolaridade discursiva do Modernismo*. Também para a Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, Maria Ferreira Diniz (2007) defendeu seu trabalho denominado *O Correio das Artes e suas edições publicadas em 2003 e 2006*.

Entre as dissertações, localizou-se a pesquisa de Elizabeth Olegário da Silva (2016) intitulado *Imaginário impresso e caracteres culturais: uma análise das narrativas do suplemento literário Correio das Artes na década de 1940*, para a Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Em 2020, José de Sousa Campos Junior defendeu a tese chamada *As autoras nas páginas do Correio das Artes: arquivo, memória e cartografia da literatura paraibana de autoria feminina (1975-2016)*, para Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba. Localizou-se uma pesquisa em andamento, intitulada *Descortinando o cenário cultural na Paraíba: Representação da Informação para o “Correio das Artes” do Jornal A União*, produzida por Ana Cristina Coutinho Flôr, para Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFPB. Ademais, encontrou-se artigo publicado em 2015 nos Anais do II Congresso Nacional de Literatura, realizado na Universidade Federal da Paraíba, nomeado *Correio das Artes: Discursos e Disputas no Campo da Produção Cultural Paraibana*, de autoria de Laércio Teodoro da Silva.

Com base nos resultados obtidos notou-se uma carência de trabalhos no campo visual, especialmente no contexto do curso de Artes Visuais. A maioria dos estudos localizados estava concentrada na área de comunicação social. Embora o suplemento *Correio das Artes* seja naturalmente mais valorizado nesse campo, isso não exclui seu potencial como objeto de estudo nas pesquisas de artes, já que historicamente ele contribui para a divulgação das diversas expressões artísticas — teatro, música, dança — incluindo as artes visuais, seja por meio de ilustrações, capas ou textos de artistas sobre a produção artística local.

Para concentrar a pesquisa, foi selecionado um recorte específico apoiado no reconhecimento cultural do *Correio das Artes* durante a gestão de Sérgio de Castro Pinto. Partindo desse preceito, buscou-se as edições do primeiro ano de sua

direção. Visitou-se o acervo digital do jornal *A União*, disponível na página oficial e constatou a falta das edições do período selecionado. Em contato com a equipe do acervo do jornal, foi informado o processo de coleta dessas edições, e por isso, não se encontravam disponíveis online. A equipe, entretanto, disponibilizou quase todas as edições necessárias, com exceção de um número — por falta no arquivo —, enviando-as digitalmente para a autora desta pesquisa.

A leitura dessas edições, forneceu uma grande mostra da visualidade paraibana presente no suplemento. Essa pesquisa, portanto, caracteriza-se como documental, visto que utiliza-se das publicações originais como fonte histórica para a narrativa do período de estudo. Para Cellard (2008), a análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc.

Desse modo, esta investigação tem como objetivo geral: analisar a contribuição dos artistas visuais no Correio das Artes no primeiro ano sob direção de Sérgio de Castro Pinto (1980-1981), a partir dos registros originais das edições.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, devido ao objeto estudado. No entendimento de Cecília Minayo (2003, p. 22), a abordagem qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Nos objetivos específicos, buscou-se responder no decorrer dos capítulos o seguinte questionamento: como o Suplemento Literário Correio das Artes entre, 1980 e 1981, tornou-se um veículo para a divulgação das artes visuais da Paraíba? Este questionamento seguiu de guia para os seguintes objetivos específicos: contextualizar a história da imprensa que antecede o jornal fundador do suplemento, *A União*; analisar a importância dos suplementos literários na imprensa do século XX, a partir do jornalismo cultural; analisar a presença das artes visuais paraibanas no Correio das Artes.

Com base nisso, o presente trabalho está estruturado em seis capítulos, incluindo a introdução e as considerações finais. O segundo capítulo, focou-se em narrar brevemente o contexto histórico do surgimento da imprensa brasileira, assim como, o desenvolvimento da imprensa paraibana, utilizando-se da obra *Paraíba: imprensa e vida (1986)* da autora Fátima Araújo para descrever os periódicos que antecederam a criação do *Jornal A União*.

O terceiro capítulo, buscou-se compreender a modificação da imprensa no início do século XX, causados pelos processos de modernização da sociedade, que alteraram a forma que a imprensa tratava seus conteúdos e, como esses fatores irão contribuir para o crescimento do jornalismo cultural, a partir das revistas e dos jornais — especialmente os suplementos literários. Neste capítulo, levantou-se revistas importantes para a disseminação cultural do país: *FON-FON!*; *KLAXON*; *ERA NOVA*. Além dos suplementos antecessores do Correio das Artes, produzidos pelo Jornal A União.

O quarto capítulo, concentrou-se em descrever as duas primeiras fases do suplemento literário Correio das Artes, partindo do livro de Barbosa Filho (2000), *Correio das Artes: Breves anotações para sua História*, que divide em: 1) a “grande fase” do periódico, abrange o período de 1949 a 1965, sob a direção de nomes como Edson Régis (fundador), Eduardo Martins, Celso Novaes e Carlos Romero; 2) se caracteriza como a “nova fase”, dirigida por Jurandy Moura no período de 1975 a 1980, em seguida, assumiu a direção do suplemento o poeta e jornalista Sérgio de Castro Pinto, de 1980 a 1986.

O quinto capítulo, intitulado *Entre a imagem e o texto: analisando as artes visuais no Correio das Artes*, visou analisar a contribuição de artistas visuais nas capas e ilustrações no suplemento no período de 1980 e 1981, principalmente nas edições 138 e 162. Para responder os objetivos propostos, utilizamos a análise documental.

2 A IMPRENSA

O presente capítulo tem o intuito de inserir o leitor na história que antecede a criação no jornal *A União*, a partir do início da imprensa no Brasil e de impressos com interesses artísticos na Paraíba. Sendo assim, sintetizamos a historiografia do jornal fundador do suplemento literário, *Correio das Artes*. Para isso, precisamos compreender que a imprensa é um veículo de comunicação que informa, ensina e é formador de opinião pública. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1999), a imprensa está ligada, de todo modo, à história da sociedade capitalista.

O controle dos meios de difusão de idéias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido — é uma luta que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política (Sodré, 1999. p. 1).

Sendo assim, este trabalho não visa discutir o desenvolvimento da sociedade capitalista a partir da imprensa, mas salientar a ligação que há entre elas e sua influência perante o público.

Nesta pesquisa busco nos jornais como principal veículo de comunicação e propagação das artes no século XIX e início do século XX na Paraíba. De acordo com Kunczik (2001, p. 109) o principal compromisso dos jornais é “comunicar à raça humana o que seus membros fazem, sentem e pensam”.

2.1 A história da imprensa no Brasil: breves anotações

A história da política e a história da imprensa na Paraíba, como no resto do território nacional, estão entrelaçadas com os eventos políticos e suas narrativas durante o século XIX.

Comparado com outros países, a imprensa no Brasil surgiu de maneira bastante tardia por causa dos controles da corte portuguesa sob sua colônia (Lustosa, 2004). A chegada da corte de D. João VI, trouxe a criação da *Imprensa Régia*, em 1808, que proporcionou o início das produções editoriais brasileiras, que antes eram rigorosamente proibidas. Segundo Rizzini (1988), os navios que traziam a corte e seus pertences, continham caixas fechadas com equipamentos para a

montagem de uma tipografia, por iniciativa de Antonio de Araujo, posteriormente conhecido como o primeiro Conde Da Barca.

Com autorização da coroa, começaram a circular, em setembro de 1808, os primeiros exemplares da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Para barrar a distribuição de folhetos que ferissem as ideias do governo e acompanhar as impressões distribuídas, foi desenvolvida uma junta administrativa, formada por membros da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. De acordo com Rizzini (1988, p. 317) “examinar papéis e livros que se mandassem publicar, a fim de assegurar que não se imprimisse nada contra a religião, o governo e os bons costumes”. Observa-se que mesmo com a abertura da imprensa, o governo controlava a distribuição de informações repassadas para a população. Sendo assim, uma censura prévia, na qual foi destituída por D. João VI em 1821, alterando o modo de como eram aplicadas.

Com a Constituição Política do Império do Brasil de 25 de março de 1824, outorgada por Dom Pedro I, foi a primeira constituição do Brasil. Entre direitos garantidos, destacamos a liberdade de expressão, conforme estabelecido pelo artigo 179, parágrafo 4º:

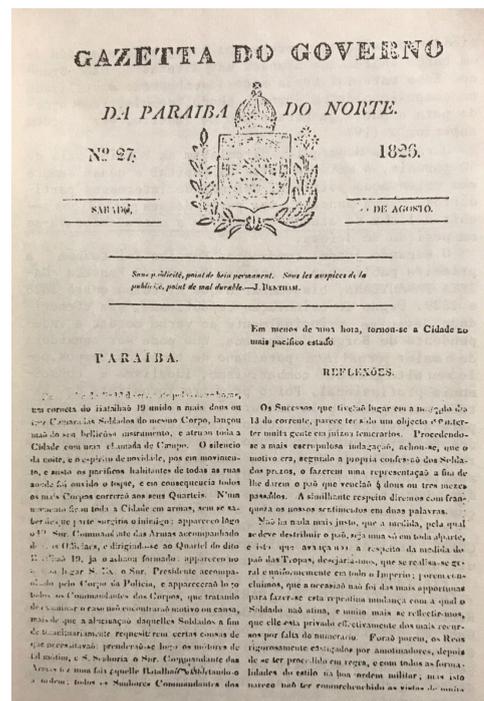
Todos podem comunicar seus pensamentos por palavras, escritos e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no uso deste direito, nos casos e pela forma que a lei determina (Brasil, 1824, s/p).

Após isso, notou-se o surgimento dos jornais em todo o território nacional, muitos deles sendo de produções independentes. Nesse período, qualquer cidadão letrado poderia se expressar publicamente sobre questões políticas, por meio de periódicos particulares (Souza, 2020).

2.2 Imprensa da Paraíba

Em 1826, surgiu o primeiro periódico paraibano chamado *GAZETTA DO GOVERNO DA PARAÍBA DO NORTE*, sendo impresso pela Typografia Nacional da Parahyba. No período de sua fundação, o presidente da província era o coronel Alexandre Francisco de Seixas Machado, que governou entre 1824 a 1827, e utilizou do periódico para ser o porta-voz de sua administração (fig. 1).

Figura 1 — Fac-símile do primeiro jornal paraibano em sua 27ª edição, de 29/08/1826



Fonte: Araújo, 1986.

O periódico era hebdomadário, ou seja, era distribuído semanalmente aos sábados. No período da monarquia, estima-se que circularam na Paraíba:

{..} mais de 50 jornais, a maioria deles na capital e quase sempre com orientação política, defendendo interesses partidários. Dessa maneira, uma parte desses periódicos seguia a linha de ataque ao poder e a outra colocava-se em posição de defesa (Araújo, 1986, p.34).

Na obra *Paraíba: imprensa e vida* (1986), a autora Fátima Araújo apresentou de forma cronológica o surgimento dos jornais na Paraíba. A partir deste livro, pôde-se observar que a maioria dos jornais mencionados, seguia uma linha editorial voltada para política, comercial, noticioso e literário — que utilizava dos recursos da literatura, mas não era jornalismo sobre literatura (Piza, 2019). Vinte e sete anos antes do surgimento do jornal *A União* e oitenta e três anos antes do Suplemento Literário *Correio das Artes*, foi fundado na Paraíba em 1866 o jornal *A Fraternidade Artística*, com o objetivo de "defender os interesses da classe artística" (Araújo, 1886. p. 37). Sendo impresso pela Tipografia de B. J. F. Já na década de 1880, surgiu o jornal *O Artista*, que, assim como o anterior, também tinha como foco a defesa dos mesmos interesses e foi citado duas vezes no referido livro, mas com datas diferentes. A partir dos registros no site do projeto de pesquisa "Jornais e

folhetins literários da Paraíba no século XIX”, financiado pelo CNPq e associado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba, o jornal está datado entre 1893 a 1895 e mantém seus interesses outrora citados.

Figura 2 — Primeira publicação do periódico O Brado Artístico (1883)



Fonte: acervo digital do “Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX”

Em 17 de outubro de 1883, foi fundado o periódico *O Brado Artístico*³ (fig. 2), que se caracterizava como crítico e noticioso. Era produzido pela Typographya Liberal, na Rua Duque de Caxias, Nº 85 e sendo distribuído duas vezes ao mês em dias indeterminados. Nos registros da pesquisa “Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX”, não foi localizada mais edições do periódico. Apenas o seu primeiro registro foi documentado, em sua capa, o redatores deixam claro o seu propósito:

A imprensa livre e moralizada, propagadora das grandes ideias, ciências e artes, é a imprensa que o << Brado Artístico >> pretende adoptar, pois ha por demais assuntos em que se occupe um periodico sem seja preciso se desviar de sua nobre missão.

Com outro fim não se apresentaria elle na arena jornalística, pedindo um humilde lugar no grande salão da civilização e do progresso (O Brado Artístico, 1883, p. 1).

³ No decorrer deste trabalho, buscou-se manter a ortografia dos documentos estudados.

A autora também citou jornais impressos em outras cidades do Estado paraibano. Porém, poucos se desvinculam do gênero literário e que interesse a essa pesquisa. Localizou-se o Jornal *Gazeta dos Artistas*, de 1893, distribuído na cidade de Campina Grande. Todavia, nada foi descrito sobre seus interesses.

Os jornais citados tampouco têm interferências na criação do jornal *A União*, mas apresentá-los neste trabalho mostra que no século XIX já havia essa preocupação da classe artística em ter uma publicação voltada aos seus interesses.

2.3 A União: narrativas do jornal

O Jornal *A União* teve sua primeira publicação no dia 02 de fevereiro de 1893, e foi fundado pelo Sr. Senador Alvaro Machado, para amenizar o conflito de interesse entre os políticos da província. De acordo com Eduardo Martins (1977), Machado foi enviado para dirigir o Estado Paraibano e inserir a implementação da ordem republicana.

O governismo desde logo sentiu a necessidade inadiável de possuir um jornal que servisse de veículo das ideias programáticas e tomasse a tarefa de defesa do governo, acerbamente criticados por jornalistas da têmpera e do gabarito de Arthur Achilles dos Santos, na verdade uma das maiores figuras do periodismo contemporâneo (Martins, 1997. p.16).

Martins (1997) ainda afirmou que *A União* nasceu da rivalidade existente entre grupos antagônicos que formavam o Partido Republicano. Sendo assim, sua principal função era divulgar leis, decretos e outras normas públicas. Vale salientar que o fim do Período monárquico ainda era relativamente recente, com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, que instaurou o sistema presidencialista de governo. A democracia era algo novo, e o comando pela Província da Parahyba do Norte era bastante disputado pelos que almejavam a sua hegemonia política, aqueles que conviviam nos grupos antagônicos do Partido Republicano.

A escolha do Major Álvaro Machado para comandar a Província, veio do Marechal Floriano Peixoto, presidente do Brasil entre 1891 a 1894. A indicação de Machado veio pelo apoio do seu tio, Abdon Felinto Milanez, amigo próximo do Marechal, que tinha grande interesse na Parahyba. Abdon desejava, que a partir do

momento que assumisse o poder, poderia dispor de um aparato político forte, que o ajudasse contra seus adversários e que exaltasse suas condutas políticas e administrativas (Gouvêa, 2013).

Figura 3 — Fac-símile do número inaugural do jornal A UNIÃO



Fonte: Araújo, 1986.

Notou-se que em sua primeira edição (fig. 3), abaixo do nome do jornal, o subtítulo afirma seu vínculo como “Órgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba”. Em sua apresentação, sem nenhuma observação preliminar, notifica que é “uma folha política, um jornal de partido” que será apresentado ao público (A União, 1893). O texto continua:

É o órgão do partido republicano que se formou com os elementos conservadores da sociedade, para garantir a ordem publica, apoiar a administração, e fundar pelo systema federativo o imperio da lei n’este Estado. (A União, 1893. p. 1)

As primeiras edições tinham como editorialista o professor e bacharel Alfredo da Gama e Melo. Além disso, *A União* não tinha um cargo de diretor, a função de editar ficava ao cargo do tipógrafo e empresário Tito Silva. Oficialmente, seu primeiro diretor assumiria o cargo em 1913, vinte anos após sua criação, o mamanguapense Carlos Dias Fernandes que ficou em sua direção até 1924.

Desde sua criação, o jornal *A União* esteve presente nos principais eventos da Paraíba, acompanhando a transição do século XIX para o século XX e seus

desenrolares perante o tempo. O jornal não apenas conta a história da Paraíba, como também do Brasil e do mundo. Sua trajetória marca 131 anos narrando os principais acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais do Estado, com o apoio de importantes intelectuais da terra em suas publicações.

O jornal se faz presente como um documento fundamental para pesquisadores que precisam de fontes primárias para compreensão de um determinado período. Para o Estado, *A União* é tida como a principal escola de jornalismo impresso, tendo em vista que muito antes da criação do curso de comunicação, quem ditava as regras das novas invenções gráficas e editoriais, era o jornal oficial. Segundo Chico Pereira (2013), o jornal *A União* pode servir de estudo para a compreensão da evolução do jornalismo impresso, uma vez que acompanhou de perto o processo de modernidade, não somente na Paraíba, mas como um todo.

Pode-se afirmar que *A União* não apenas consolidou sua posição como um veículo de comunicação relevante na Paraíba, mas também se mostrou um espaço para a formação de novos profissionais nas mais variadas áreas que compõem a estrutura de um jornal, incluindo editores, artistas e publicitários, sejam eles experientes ou não. Assim, *A União* acabou se tornando uma importante escola de artes gráficas, contribuindo significativamente para o aprimoramento de talentos e conhecimentos nesse campo (Pereira, 2013).

No que se refere às artes visuais paraibanas, as ilustrações têm uma presença marcante nas páginas do jornal. Elas não apenas enriqueceram visualmente as edições, mas também serviram como um espaço de visibilidade para o cenário artístico regional. Entre os artistas que deixam sua marca, destacavam-se figuras como Unhandeijara Lisboa, Tadeu Lira, Sandoval Fagundes, Archidy Picado, Fred Svendsen, Deodato Borges (pai e filho), Marcos Pinto e Pedro Osmar.

De acordo com Pereira (2013), foi através das páginas do jornal que *A União* se consolidou, desde sua fundação, como o principal espaço para os intelectuais do cenário paraibano. Isso se evidencia por meio de artigos, crônicas, ensaios e até mesmo reflexões políticas produzidas para o veículo. Segundo ele, nenhum artista conhecido ficou de fora das páginas do jornal. Entre eles, podemos mencionar Chico Dantas, Régis Cavalcanti, Clóvis Junior, Chico Pereira, Pontes da Silva, Flávio Tavares, Cristovan Tadeu, Celene Sitônio, Elpidio Dantas, Emir Ribeiro, Henrique Magalhães, Ivan Freitas, João Câmara, José Altino, Miguel dos Santos, Nivalson Miranda e Régis Soares, entre muitos outros que contribuíram em diversos

momentos das narrativas do jornal. Pereira (2013, p.7) ainda observou que A União é o “único jornal paraibano que sempre buscou nos artistas plásticos o complemento dos seus textos e o embelezamento das suas páginas”.

3 A IMPRENSA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

O início do século XX foi caracterizado por uma série de transformações políticas, sociais, culturais e industriais que moldaram não apenas o desenvolvimento da imprensa, mas também a sociedade como um todo. De acordo com Tânia Regina de Luca (2008, p. 61), esse período foi marcado pelo “final da escravidão, instauração do regime republicano e seu ideal de reformar o ensino e disseminar o letramento”. Além disso, outros fatores contribuíram para as transformações do século XX no Brasil: extensão das malhas ferroviárias, entrada de imigrantes e industrialização. Tudo isso trouxe uma demanda e facilidade para a circulação de informações (Luca, 2008). A autora prosseguiu:

Esse amplo rol de transformações, aliado aos artefatos modernos e aos novos meios de comunicação que invadiam o cotidiano – carros, bondes elétricos, cinema, máquinas fotográficas portáteis, máquinas de escrever, fonógrafos, publicidade e, nos anos 1920, o rádio –, delineavam tanto uma paisagem marcada pela presença de objetos técnicos como configuravam outras sensibilidades, subjetividades e formas de convívio social. Eficiência, pressa, velocidade e mobilidade tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração (Luca, 2008. p. 61).

Conseqüentemente, essas transformações colaboraram para uma demanda de agilidade nas publicações. Com a percepção de que a posse das folhas diárias começou a ser vista como um negócio, exigiu que seus proprietários tivessem a necessidade de procurar novos métodos de gestão e distribuição. Há, a partir dessas necessidades, atenção às novas inovações que permitissem um aumento nas tiragens e números de páginas, o barateamento dos exemplares e a procura de transformá-los visualmente mais atraentes para os leitores (Luca, 2008).

Neste cenário, o impacto da busca por novas inovações afetou não apenas a gestão e a produção da imprensa, mas também seu conteúdo e seu alcance, gerando uma demanda por especializações e habilidades específicas. Assim, a mudança no conteúdo exigiu uma pluralidade de profissionais em várias funções, incluindo escritores, críticos, revisores, desenhistas, fotógrafos e editor — responsável pela formatação e estruturação textual.

De acordo com Herman Lima (1963, p. 141), com os novos métodos de impressão e a inclusão na cor em 1910, além dos avanços fotoquímicos das imagens, introduziu no jornalismo “uma nota leve, espirituosa e atraente, a quebrar a

monotonia das grandes folhas onde a matéria impressa se estendia, em artigos de fundo, crônicas, sueltos e noticiários, em colunas maciças de texto”.

Com toda essa expansão, como uma forma de se profissionalizar, a classe artística começava a ver atraentes oportunidades na imprensa (Luca, 2008). Para Sérgio Miceli (2001, p. 17), “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais”. Além de todo esse processo de mudança editoriais, ganhou forças no Brasil no final do século XIX, o jornalismo cultural.

3.1 Jornalismo cultural

Nas áreas atribuídas ao jornalismo, o que nos interessa neste trabalho é o jornalismo cultural. Para isso, precisamos compreender que essa vertente está presente há séculos, mas que ao mesmo tempo não se pode datar o seu nascimento. Daniel Piza (2019), iniciou seu livro intitulado *Jornalismo Cultural*, citando dois ensaístas ingleses, Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), que fundaram em 1711 uma revista diária chamada *The Spectator*, que tinha como finalidade “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés” (Piza, 2019, p. 11). A revista abordava uma ampla gama de temas, incluindo livros, costumes, óperas, política, festivais de música e teatro. De acordo com Piza, o jornalismo cultural é:

{..} dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutenberg em 1450) e o Humanismo se propaga na Itália para toda Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França (Piza, 2019, p. 12).

Eliane Fátima Corti Basso (2008, p. 69), observou que “não se deve relacionar ao jornalismo cultural apenas as temáticas tradicionalmente conhecidas como as sete artes e nem só a cultura erudita”. A autora ainda complementou que, se caso o Jornalismo Cultural fosse reduzido à mera produção de artes, poderia ser simplesmente classificado como jornalismo de artes.

Com os processos de modernização da sociedade e a ascensão da arte moderna, a imprensa passou por um processo de transformação. O jornalismo no século XIX, se concentrava em um noticiário limitado, intensa articulação política e discussões voltadas a livros e artes. A partir do século XX, com o impacto da era moderna, a imprensa começou a valorizar mais as reportagens e os relatos de fatos (Piza, 2019).

Em todo momento de muita agitação intelectual e artísticas do século XX, em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas — com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além da publicação de contos e poemas — era ostensiva (Piza, 2019, p. 19).

O jornalismo cultural no Brasil começou a ganhar força no final do século XIX. Nesse cenário, podemos destacar o nome do escritor, Machado de Assis (1839-1908), no qual seus trabalhos se baseiam na crítica de teatro e no polemismo literário. No início do século XX, observa-se que os jornais e as revistas começam a se interessar e dar espaço em suas páginas para críticos profissionais e informativos, que “não só analisa as obras importantes a cada lançamento,mas também reflete sobre a cena literária e cultural” (Piza, 2019, p. 32). Sendo assim, as revistas e os jornais — especialmente os suplementos literários — se tornam o principal fomentador e propagador do jornalismo cultural.

3.2 A revista no Brasil

A revista pode ser compreendida como um periódico que aborda uma variedade de temas, como notícias, cultura, ciência, moda ou entretenimento, que baseia-se de acordo com o seu foco editorial. Para Marília Scalzo (2003, p. 11-12) uma revista é “um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”. De acordo com Marcelo Freire, há algumas características que as diferenciam dos demais veículos de comunicação.

A linguagem do meio permite maior liberdade no processo criativo. As rotinas são distintas de um diário, com um deadline mais estendido (...) a revista se caracteriza como um espaço de análise, no qual o conteúdo já divulgado nos demais meios de comunicação não será simplesmente reproduzido. (...) Trata-se de um veículo singular, que acompanha o público

em seus momentos de lazer, não só mantendo-o informado, mas propiciando a ele uma releitura dos eventos (Freire, 2016, p. 31-32).

A chegada da Corte Portuguesa no Brasil trouxe consigo, além da imprensa, o início das revistas no território. No Brasil, a primeira revista que se tem conhecimento, é *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, que surgiu em 1812, na cidade de Salvador, Bahia, e seguia as linhas editoriais produzidas da época. Para Marília Scalzo, a revista tinha *cara e jeito de livro* e se propunha-se a publicar:

discursos sobre costumes e virtudes sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumo de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses – quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir importância das novas descobertas filosóficas (Scalzo, 2003, p.27).

No âmbito das revistas ilustradas do início do século XX, Ilka Cohen⁴ (2008, p. 46) destacou que essas publicações assumiam um papel essencialmente voltado para a "diversão, distração e prazer". Diferentemente das revistas mais intelectuais ou voltadas à crítica, elas tinham como objetivo cativar o leitor, oferecendo um conteúdo leve, acompanhado de belas ilustrações. Nas observações de Ana Luiza Martins sobre esse gênero.

De variedades, praticamente todas o eram, ainda que agrícolas, esportivas ou femininas e tantas, pois em seu interior os assuntos e as seções se diversificavam para agradar ao respectivo público alvo e aquele que poderia ainda conquistar; ilustradas, nem todas, fosse pelas exigências de recursos mais elevados, ou conhecimento técnico específico. No geral, contudo, a produção se valeu do uso da imagem, na sua maioria sob tratamento fotoquímico. (Martins, 2008, p. 276)

Em 13 de abril de 1907, na cidade do Rio de Janeiro, nasceu a primeira edição revista ilustrada semanal intitulada *FON-FON!*. Sendo fundada pelo Jorge Schmidt que também era editor-proprietário das revistas *Kosmos* e *Careta*, a revista se intitulava "semanário alegre, político, crítico e efusante. Noticiário avariado, telegraphia sem arame, chronicaepidemica" (Fon-Fon, 1907), conforme descrito na

⁴COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. História da Imprensa no Brasil. 2nd ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. E-book. p.46. ISBN 9788572445252. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572445252/>. Acesso em: 09 set. 2024.

sua página de apresentação. Suas ilustrações eram produzidas pelos colaboradores J.Carlos, Raul Pederneiras e K.Lixto.

O periódico trazia em suas páginas os acontecimentos sociais e políticos do Rio de Janeiro, por meio de charges, fotografias, matérias culturais e reportagens. Além disso, o seu título é inspirado no som de uma buzina de carro, que nas palavras do ex Prefeito da cidade do Rio, Cesar Maia⁵ (2008, p. 5) “não poderia ser mais sugestivo para anunciar, na capital do país, a chegada do século XX com todas as suas mudanças, seja no campo industrial e tecnológico”.

Embora a revista seja marcada por suas críticas sociais e políticas, ela também apresenta uma influência da Art Nouveau⁶, visível tanto em suas capas e ilustrações quanto nos traços característicos de seus caricaturistas (Silva, 2011).

Figura 4 — Capa da primeira edição da revista FON-FON! (1907)

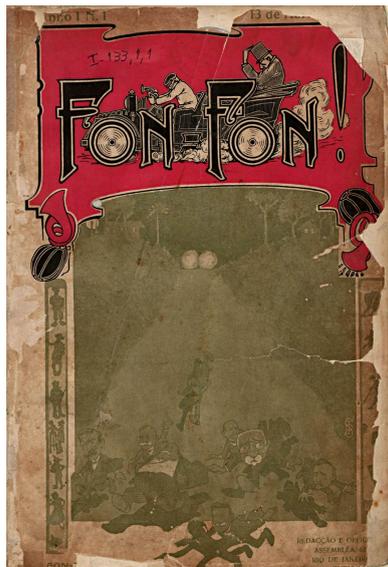


Figura 5 — Página três da da revista FON-FON! (1907)



Fonte: Biblioteca Nacional. Fon-Fon!, 1907. p. 1 **Fonte:** Biblioteca Nacional. Fon-Fon!, 1907. p.3

Como citado anteriormente, as transformações no cenário global afetaram não apenas a imprensa, mas os meios sociais como um todo, e claro, as artes. No século XX, o Brasil passava por um período de processo social e econômico, fatores

⁵FON-FON! Buzinando a modernidade. **Cadernos de Comunicação**. Série memória. 22, Rio de Janeiro: AGCRJ. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria22.pdf. Acesso em; 10 set. 2024.

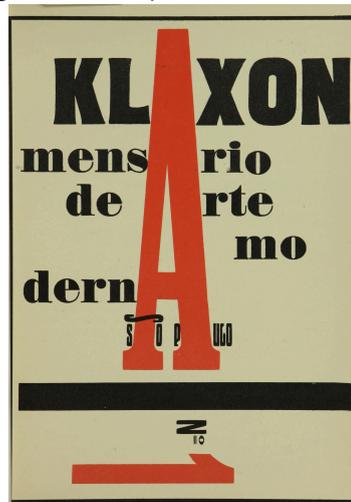
⁶A Art Nouveau foi um estilo decorativo, que atingiu todas as artes projetuais - arquitetura, design, artes gráficas. Suas características principais são: a curva, o movimento, a natureza e a idealização da mulher.

que posteriormente ocasionaram em uma agitação e debates sobre o rumo artístico nacional. Para Piza (2019), observou-se uma presença variada de revistas nas regiões onde a efervescência cultural predominava, ambientes movimentados por intelectuais e artistas que marcaram o início do século XX.

Estude os “ismo” todos lançados nas três primeiras décadas do século e você terá de estudar as revistas em que eles foram formulados e debatidos. Assim foi com o surrealismo francês, o futurismo russo, o imagismo americano: a expansão das vanguardas estava diretamente ligada à expansão da imprensa, dos recursos gráficos, do público urbano ávido por novidades (Piza, 2019, p. 19).

No modernismo brasileiro, e particularmente em São Paulo, a revista *Klaxon* desempenhou um papel central como meio de expressão e divulgação de novas idéias artísticas e literárias. Lançada em maio de 1922, logo após a histórica Semana de Arte Moderna, a *Klaxon* tornou-se a principal publicação do movimento, reunindo textos, manifestos e obras de artistas e intelectuais comprometidos com a renovação estética e cultural do Brasil. O nome da revista, que significa "buzina", faz referência ao som dos automóveis, simbolizando a intenção de causar impacto na cultura nacional. Dessa forma, *Klaxon* se tornou um símbolo de ruptura e alerta, chamando a atenção para as novas propostas que se afastavam das tradições acadêmicas e buscavam afirmar uma identidade moderna para a cultura brasileira (fig. 6).

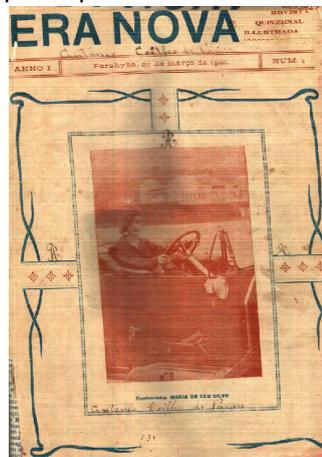
Figura 6 — Capa da Revista Klaxon



Fonte: KLAXON: Mensário de Arte Moderna, nº. 01, maio 1922. Ed. fac-sim.

O periódico contou com a colaboração de artistas que participaram da icônica Semana de 1922. Entre os que estiveram diretamente envolvidos em sua organização, destacam-se Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchi, Couto de Barros, Guilherme de Almeida e Rubens Borba de Moraes. Na dissertação de Alberto Rafael Guimarães (2013), intitulada *REVISTA KLAXON: Estética e Ideologia Modernista na Crítica e na Poesia de Mário de Andrade*, o autor analisou as contribuições prestadas por Mário de Andrade destacando como seus comentários ajudaram a moldar um projeto estético de renovação cultural.

Figura 7 — Capa do primeiro número da revista Era Nova



Fonte: Acervo digital do “Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX”

Distanciando-se dos periódicos do eixo Rio-São Paulo, a Paraíba se integrou ao movimento modernista com a revista *Era Nova*, lançada em 1921 (fig. 7). Diferente das revistas que surgiram no período pós-Semana de 22, *Era Nova* seguiu uma construção artística inspirada pelos periódicos da primeira década do século XX. No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, houve uma grande concentração dessas publicações, entre as quais se destaca a *FON-FON!* (Abrantes e Burity, 2024).

Impressa em parte em papel couché, em parte em papel sulfite, quando as economias impeliam a isso, o periódico assumiu um projeto gráfico arrojado, tomado por tipografias e ilustrações nas bordas de inspiração art nouveau, e por muitas fotografias, retratando pessoas, prédios e paisagens (Abrantes e Burity, 2024, p. 3).

A primeira edição da revista foi publicada em 27 de março de 1921, e já em sua capa se apresentava como uma revista "quinzenal e ilustrada". Fundada por Severino Lucena, a *Era Nova* contou inicialmente com a colaboração de nomes

como Coriolano de Medeiros, Américo Falcão, Abel da Silva, Celso Mariz, Carlos Dias Fernandes, Joaquim Inojosa, José Américo de Almeida, entre muitos outros importantes que passaram pela publicação.

3.3 O suplemento literário

Apesar de compartilharem objetivos parecidos, as revistas e os suplementos literários se diferenciam principalmente no formato, na periodicidade e no foco editorial de cada um. Enquanto as revistas tem um formato independente, periodicidade variável, e podem abordar uma ampla variedade de temas ou se especializar em um assunto específico. Por outro lado, os suplementos literários costumam ser encartes vinculados a jornais, com foco em literatura e arte.

Nos séculos XVIII e XIX, os escritores encontraram nos jornais um novo espaço para divulgar seus trabalhos, atuando não apenas na liderança das redações, mas também influenciando a linguagem e o conteúdo editorial, principalmente por meio dos folhetins⁷. As histórias literárias, por sua vez, tornaram-se uma ferramenta rentável para os jornais, pois aumentavam as vendas e permitiam a redução dos preços, ampliando assim o número de leitores. Esse processo não só gerava lucro para os jornais, como também beneficiava os escritores, proporcionando visibilidade aos seus trabalhos e, conseqüentemente, aos seus nomes (Pena, 2006).

Essa proximidade da literatura com os jornais, mediada por escritores, editores, repórteres e cronistas, começou a se romper na virada do século XIX. Os jornais passaram a priorizar publicações que valorizavam a objetividade e a concisão, em detrimento das narrativas mais elaboradas e poéticas. Logo, a literatura foi deixada para segundo plano e vista apenas como “um suplemento” (Pena, 2006, p. 40).

Segundo o dicionário, a palavra "suplemento" refere-se a ampliar, suprir ou complementar. No livro *Jornalismo Literário (2006)*, de Felipe Pena, o autor explicou que o suplemento não abrange nada fora do essencial.

⁷Folhetim é um gênero narrativo, gerado na França, por Émile de Girardin, em 1830. Antes de Girardin, o folhetim era denominado suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos, no rodapé dos jornais (Souza Júnior, 2012).

Os suplementos têm a função de acrescentar alguma coisa aos jornais, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna. Ou seja, não só estão submetidos a regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como têm na venda seu objetivo primordial (Pena, 2006, p. 40).

Portanto, ainda de acordo com Pena (2006) a literatura se encaixava nesse contexto, pois está integrada à lógica de um valor-notícia essencial, que é a busca pela novidade.

Os suplementos no Brasil, normalmente, eram distribuídos aos sábados ou domingos. Diferente, por exemplo, de publicações francesas que saíam em dias úteis. De acordo com Isabel Travancas, isso demonstrava que:

diferentemente dos jornais brasileiros, os franceses inserem esses cadernos na rotina de trabalho e de estudo, enquanto os brasileiros privilegiam uma leitura mais descompromissada com o tempo e a relacionam ao lazer e ao ócio. (Travancas, 2001, p.38)

Alzira Alves de Abreu (2008, p. 21), no livro *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*, a autora explica que, os suplementos publicados aos finais de semana “atingiam um número maior de leitores, já que as edições dominicais são no Brasil as mais lidas”.

3.4 Suplementos literários do jornal A União

Antes do surgimento do *Correio das Artes*, o Jornal *A União* introduziu em sua página dominical, em meados de 1926, intitulado *Suplemento de Arte e Literatura*. A publicação dominical só tinha uma página e a dupla Antenor Navarro e Mário Pedrosa eram os responsáveis. Além deles, exibia colaborações de Carlos D. Fernandes, Paulo Magalhães, Augusto dos Anjos e Silvio Olavo. A princípio quinzenal, o suplemento parou de circular por um período e voltou em 5 de setembro daquele mesmo ano (Martins, 1997).

Figura 8 — Capa do nº 42 do jornal A União (1926)



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

Na publicação dominical do dia 21 de fevereiro de 1926, a publicação informou as notícias dos últimos acontecimentos em Pernambuco, a vida jurídica, a medicina contemporânea, entre outros. Nesse período, o jornal tinha como diretores Carlos D. Fernandes como efetivo e Nelson Lustosa como interino. Ao final da página, pode-se notar o aviso “na 3. página: suplemento de arte e literatura” (1926, p. 1).

Figura 9 — Terceira página do nº42 da A União (1926)



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

No sumário, localizado no canto superior direito, o suplemento literário antecipava aos leitores o conteúdo que seria explorado ao longo da página.

Sumario: ARIOPLANO (conto de Carlos D. Fernandes), GRITOS DE MEU SILENCIO (critica de Silvino Olavo), O JANGADEIRO (ensaio de Paulo de Magalhães), CANTO DE AGONIA (versos de Augusto dos Anjos): VIDA AMOROSA DE RICARDO WAGNER. NOTAS. ETC (A União, 1926, p. 3).

Percebeu-se que, em sua primeira edição, há uma predominância de conteúdo literário, com destaque para contos, críticas, ensaios e versos.

Após um novo período de desaparecimento, o suplemento passou a ser publicado em julho de 1927, desta vez sob o título simplificado de *Arte e Literatura*. Em suas duas edições, de 30 de outubro e 13 de novembro do mesmo ano, o destaque foi a publicação da novela inédita de Samuel Duarte, intitulada *Dinheiro* (Martins, 1997).

Intitulado apenas como *Suplemento Literário*, o jornal retornou com uma formatação diferente ao que havia sido mencionado anteriormente. A nova edição dominical começou a circular em 13 de fevereiro de 1944, agora como um segundo caderno, composto por quatro páginas, sendo a última dedicada a uma matéria.

Figura 10 — Primeira página do segundo caderno A União, nº 131 (1944)



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

Em 5 de janeiro de 1947, o suplemento intitulado *Literatura & Arte* começou a ser publicado nas páginas do jornal. Com duas páginas dedicadas, o suplemento era lançado aos domingos e contou com a colaboração de autores como Monteiro Lobato, Eduardo Martins, João de Veiga Cabral, entre outros (Martins, 1997).

4 CORREIO DAS ARTES: O SUPLEMENTO

O suplemento chegou aos leitores paraibanos em 27 de março de 1949, sob a direção do jornalista e poeta pernambucano Edson Régis (1923 – 1966). No livro "*Correio das Artes: Breves Anotações para sua História*", Hildeberto Barbosa de Araújo Filho fez um levantamento documental sobre o suplemento. Ele se apoiou na obra "*A União: Jornal e História da Paraíba e suas Evoluções Gráficas*", do historiador Eduardo Martins (1977), adotando a divisão das fases da publicação proposta por Martins para desenvolver os capítulos de seu próprio trabalho.

Barbosa Filho (2000, p.15) dividiu o livro em duas fases. A primeira de 1949 a 1965, apesar de algumas interrupções inevitáveis nesse período. A segunda, chamada de "nova fase", abrange os anos de 1975 a 1980 e de 1980 a 1986. O autor explicou que não se interessou em abordar o período após 1986, pois o suplemento enfrentou dificuldades, incluindo prejuízos e problemas com sua periodicidade.

Na primeira fase do suplemento, a distribuição variava entre semanal, quinzenal ou, por vezes, de forma irregular, sendo composta por 16 páginas. Durante esse período, os diretores se revezaram ao longo dos números publicados: Edson Régis foi responsável pela direção do número 1 ao 28, seguido por Eduardo Martins, que assumiu do número 29 ao 34. Régis retornou do número 35 ao 43, e Martins reassumiu do 44 ao 58. Celso Novais liderou do número 59 ao 74, com Martins voltando para os números 75 e 76, e Carlos Romero encerrando a fase como diretor dos números 77 a 88 (Martins, 1977). Barbosa Filho (2000) descreveu essa fase como a primeira grande fase do suplemento. Segundo o autor, essa foi um período:

em que a vida literária paraibana experimentou visíveis inquietações culturais, a partir, evidentemente, das já cristalizadas repercussões do Modernismo, de alguns ecos da chamada *Geração 45* - principalmente se levarmos em conta algumas vozes poéticas da *Geração 59* - e, mais tarde, o diálogo inovador com as tendências de vanguarda - poesia concreta e poema de praxis - efetuado pelos grupos *Sanhauá* e *Caravela*. (Barbosa Filho, 2000, p. 17 e 18)

Na primeira edição, o *Correio das Artes* deixou claro, em sua apresentação, os objetivos de promover e difundir a produção artística e literária.

Entregamos hoje aos nossos leitores o primeiro número do **Correio das Artes**, suplemento dominical de **A União**, com o que tentamos emprestar uma contribuição ao atual movimento literário e artístico do Brasil.

A Paraíba, que estava se ressentido da existência de um órgão dessa natureza, por sua completa integração na vida cultural do país, contará de hoje por diante com o **Correio das Artes**, para divulgar os seus valores mais representativos na literatura e na arte.

Cumpre-nos o dever de se ressaltar aqui o apoio que recebemos do Dr. Oswaldo Trigueiro, governador do Estado, para que este suplemento pudesse ser realizado.

Agradecemos por fim a Simão Leal e Santa Rosa a colaboração que nos prestaram neste primeiro número. (Correio das Artes, 1949, p. 2)

Além disso, a segunda página apresentava o nome dos colaboradores, bem como a direção e orientação editorial. Entre os colaboradores destacavam-se José Lins do Rego, Haroldo Bruno, Hamilton Pequeno, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Romero e, naturalmente, Edson Régis. As ilustrações e reproduções eram assinadas por Tomás Santa Rosa, Hermano José, Pancetti, Hélio Feijó e Augusto Reynaldo.

Nesta primeira edição, alguns aspectos relacionados às artes visuais merecem destaque: a inclusão de ilustrações, a menção a uma exposição de Picasso acompanhada por um relato produzido por Nice Figueiredo, um aviso sobre uma mostra de artes plásticas em João Pessoa, um texto de Péricles Leal que abordava e enaltecia as artes plásticas na Paraíba, e uma composição do pintor pernambucano, Augusto Reinaldo.

Figura 11 — Capa da primeira edição do Correio das Artes (1949)



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

Figura 12 — Página oito da 1ª edição do Correio das Artes (1949)



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

A repercussão do novo suplemento *Correio das Artes*, ultrapassou as barreiras estaduais e chegou ao conhecimento de Djalma Viana. Ele publicou um artigo sobre o suplemento no Suplemento Letras e Artes do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, que posteriormente foi republicado na edição nº 18 do *Correio das Artes*, em 24 de julho de 1949.

Intitulado "Os Moleques de Jampa", o texto de Djalma Viana transmitiu entusiasmo e fascínio pela nova publicação paraibana. Viana não só elogiou o *Correio das Artes*, mas também refletiu sobre o seu surgimento em um período difícil para a literatura, ressaltando que, por questões econômicas, grandes jornais cariocas estavam eliminando seus espaços literários.

Tenho comigo, neste instante, doze números do "Correio das Artes". Já os examinei com a severidade de um inveterado leitor de suplementos, desci ao seu miolo e devorei a sua papa, levei seu papel ao nariz e sondei o bom gosto, para concluir finalmente ser inacreditável o que se está fazendo na Paraíba. Não dispondo infelizmente da certidão de nascimento dos seus colaboradores, mas conhecendo-o tão somente por intermédio das colaborações, posso assegurar que além do bom gosto, o que se derrama pelas páginas é vida. E muita vida, eu juro.

São dezesseis páginas batidas, esplendidamente ilustradas, movidas por uma apresentação técnica admirável. O efeito gráfico, porém, pouco importa. Mas o que é importante dizer que o suplemento literário de "A União", considerando assim em confronto com os outros suplementos literários, elimina definitivamente o preconceito imbecil que sempre ironiza o melhor trabalho provinciano (*Correio das Artes*, 1949, p. 5).

A citação, apesar de longa, ilustra de maneira clara a recepção positiva do *Correio das Artes* no cenário nacional. Viana ainda complementa sua análise afirmando que apenas um ou dois suplementos cariocas e paulistas poderiam competir com o suplemento paraibano, ressaltando a relevância e o impacto da publicação no meio literário do Brasil.

Do número 1 ao 77, com exceção do nº 70, o suplemento era acompanhado por vinhetas localizadas logo abaixo do cabeçalho (fig. 13). Essas vinhetas eram assinadas por artistas de renome nacional e internacional, como Santa Rosa, Campofiorito, Yllen Kerr, Tinet, Fokko Mees, Hermano José, Oswaldo Goeldi, entre outros, com a maioria produzindo as ilustrações especialmente para o suplemento (Martins, 1977).

Figura 13 — Vinheta de Fokko Mees (Holandês), edição nº 55



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

Martins (1977) relatou que o encerramento da primeira fase do suplemento ocorreu sob a direção de Carlos Romero, com sua última edição especial de Natal, publicada em dezembro de 1965, marcando o fim dessa fase.

4.1 Segunda Fase, Correio das Artes: Jurandy Moura e Sérgio de Castro Pinto

Após uma década afastado dos leitores, o *Correio das Artes* voltou a circular sob a orientação do crítico e poeta paraibano Jurandy Moura (1940 – 1980) e pelo jornalista e crítico de cinema Antônio Barreto Neto (1938 – 2000), com supervisão do editor geral do jornal *A União*, Agnaldo Almeida (1950 – 2024). O suplemento retornou com os mesmos critérios de escolha das matérias e com a literatura, e salienta isso logo na sua primeira publicação

O processo de modernização sofrido pela antiga Imprensa Oficial, hoje **A União Companhia Editora**, permite a restauração de uma tradição - o *Correio das Artes*, suplemento literário deste jornal, que marcou a época na vida cultural da Província, e que hoje retorna, com os mesmos propósitos e objetivos: veicular a expressão literária paraibana, estimulando a sua atividade.

Restaura-se uma tradição, com a consciência de que os homens de letras paraibanos conhecem, a responsabilidade da palavra, que a atividade literária exerce função nitidamente social, e que praticá-la é assumir responsabilidades.

Sem assumir o papel de porta-voz de uma corrente de pensamento, mas aberto a todas as tendências, o *Correio das Artes* pretende assumir uma função dinâmica como órgão que permita o debate aberto. Fica o convite a quantos tenham algo a comunicar (*Correio das Artes*, 1975, p. 1).

Intitulado no cabeçalho como “nova era”, o retorno do suplemento está datado em 21 de setembro de 1975 e compunha a citação acima. Essa nova fase trazia

uma equipe de arte, do qual participavam nomes como Land Seixas, Tônio, Gutemberg Pádua, Batista Chaves, Gilson Freire, Rosalvo e Zefinha Correia. Já na equipe dos colaboradores permanentes, podemos citar Arlindo Almeida, Carlos Romero, Adalberto, Maia José de Menezes e Violeta Formiga (Barbosa Filho, 2000).

Percebeu-se nessa publicação de retorno um compromisso que Jurandy Moura assume com o *Correio das Artes* em divulgar a literatura paraibana e incentivar a sua atividade. Além disso, o suplemento se mostra aberto para assumir uma postura mais ampla em relação aos desbastes culturais e artísticos. Em sua capa (fig. 14), fora o cabeçalho de informação e o texto de retorno, pode-se observar um desenho produzido por Santa Rosa.

Figura 14 — Capa do nº 1 do *Correio das Artes* (1975)



Fonte: Martins (1977)

Jurandy Moura dirigiu o suplemento do número 1 ao 121, sendo sucedido por Antônio Barreto Neto nos números 122 a 126. Segundo Barbosa Filho (2000, p. 35), os temas abordados nas edições abrangiam todos os gêneros literários, desde “a ficção (conto, novela, fragmento de romance, crônicas), passando pela poesia, até ensaísmo de ordem literária e estética quanto cultural, histórica e científica”.

O poeta e jornalista paraibano Sérgio de Castro Pinto assumiu a direção do *Correio das Artes* a partir do número 127, publicado em 10 de agosto de 1980⁸, e

⁸ Há uma certa incongruência em relação ao primeiro número sob a direção de Castro Pinto, pois, ao consultar o arquivo cedido por A União para esta pesquisa, nota-se uma rasura no documento. De acordo com Barbosa Filho (2000), o número correto seria o mencionado anteriormente, mas a rasura indica que o número 128 corresponde à edição de 10 de agosto de 1980, o que alteraria toda a sequência das publicações. Dado que a origem dessas rasuras é incerta, optamos por seguir a numeração estabelecida por Humberto Barbosa Filho.

permaneceu à frente até o número 247, em março de 1986. Mantendo as publicações quinzenais aos domingos, Castro Pinto seguiu a linha editorial de Jurandy Moura, mas ampliou o enfoque do suplemento, abrindo espaço para uma maior diversidade de colaborações, que iam além do campo literário (Barbosa Filho, 2000).

Tradicionalmente, aos domingos em que o suplemento seria publicado, a capa do *Correio das Artes* aparecia na primeira página do jornal oficial, informando os leitores sobre sua presença na edição daquele dia.

Figura 15 — Capa do Jornal A União (1980)



Fonte: Acervo digital do Jornal A União

No número 156 do jornal *A União* (fig. 15), foi informado aos leitores o retorno da periodicidade regular do *Correio das Artes*, que havia sido afetada pela falta de papel-jornal. O jornal assegurou que, independentemente do tipo de papel utilizado, o suplemento manteria sua publicação quinzenal. Além disso, destacou que o Conselho Consultivo, composto por Gonzaga Rodrigues, Walter Galvão (de *O Norte*), Vilson Brunel Meller e Arlindo Almeida (de *A União*), colaboraria com Castro Pinto na seleção de materiais, sob supervisão geral de Agnaldo Almeida (*A União*, 1980).

Na segunda edição sob a direção de Castro Pinto, o editor declarou que o *Correio das Artes* não se limitará apenas ao campo literário, mas também se

expandirá para incluir outras formas de expressão artística (Correio das Artes, 1980). E não se pode dizer que as edições anteriores não apresentassem uma variedade de expressões artísticas; como mencionamos antes, havia ilustrações e vinhetas nas capas. O ponto é que, para Barbosa Filho (2000), o estímulo sob a direção de Castro Pinto foi mais abrangente; nessa nova fase, as artes visuais e outras formas de expressão artística, como música, teatro, dança e cinema, assim como as manifestações folclóricas, culturais e da arte popular, se entrelaçam de maneira mais frequente e organizada com diversas formas e gêneros literários do que comparado a períodos anteriores.

Nessa fase podemos destacar dois acontecimentos fundamentais para compreendermos a importância desse suplemento para a Paraíba. No comando de Sérgio de Castro Pinto, em 1981, o suplemento recebeu o prêmio de Melhor Divulgação Cultural do País, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). No mesmo período, o Correio das Artes foi integrado ao acervo da Modern Language Association of America (MLA), dos Estados Unidos, voltada aos estudos de línguas e literatura.

Além de manter o alto nível literário tradicional, que é o carro-chefe do suplemento, Castro Pinto promoveu uma conexão visual entre o público e o periódico ao publicar trabalhos de artistas regionais e nacionais em suas edições. As ilustrações e capas assinadas por artistas visuais passaram a ser parte essencial da identidade do Correio das Artes, funcionando como uma extensão do conteúdo textual.

Nesse contexto, a valorização das artes, especialmente no que diz respeito às artes visuais, o periódico expande seu escopo e abre espaço para que artistas visuais, renomados e em início de carreira, contribuam para a visualidade do suplemento e, conseqüentemente, divulguem seus trabalhos. Assim, a análise dessa fase se tornou importante para o campo visual e para a pesquisa do cenário artístico paraibano, pois refletiu a contribuição do suplemento na propagação do cenário regional, consolidando-se como um veículo crucial para a promoção cultural da Paraíba.

5 ENTRE A IMAGEM E O TEXTO: ANALISANDO AS ARTES VISUAIS NO CORREIO DAS ARTES

A análise baseia-se no levantamento da participação de artistas visuais nas capas e ilustrações do *Correio das Artes*, especificamente nas edições 128 e 162, obtidas através do acervo do jornal *A União*, pertencente à Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Inicialmente, a pesquisa concentrou-se em identificar a presença de artistas visuais paraibanos no primeiro ano da direção de Sérgio de Castro Pinto, resultando na análise de edições publicadas entre agosto de 1980 e dezembro de 1981, com exceção da publicação do dia 21 de setembro de 1980.

Com base nos dados coletados, identificou-se imprecisões relacionadas ao número das edições dos meses de outubro, novembro e dezembro de 1981. Pressupondo que o suplemento é quinzenal, ou seja, publicado a cada 15 dias, seriam duas publicações ao mês. No mês de outubro, foram publicadas as edições 157 e 158 respectivamente no dia 11 e 25 de outubro, já após o número 159 do dia 8 de novembro, observou-se a ausência de duas edições esperadas, as de números 160 e 161. Em vez disso, o número 162 foi lançado em 22 de novembro, e posteriormente, dando continuidade com os números 163 e 164, publicados em 8 e 20 de dezembro.

Uma vez que não há relatos oficiais de suspensão das edições durante esse período e, conforme já explicado, as publicações deste período seguiram com sua periodicidade quinzenal normal, sem qualquer alteração. Para manter a coerência na sequência cronológica e não perder o fluxo da análise, as edições numeradas como 162, 163 e 164 foram mantidas com suas respectivas numerações originais.

Sendo assim, das 34 edições analisadas disponíveis, 25 traziam em suas capas trabalhos de artistas paraibanos, além do mais, uma capa apresentava um ensaio fotográfico, enquanto outra exibia uma montagem da crônica de Elcir Dias, feita por Raúl Córdula Filho. No que se refere às ilustrações, observou-se a presença de pelo menos um artista paraibano em cada edição.

Os critérios de seleção foram definidos para atender ao objetivo central da pesquisa: analisar a contribuição dos artistas visuais no *Correio das Artes* no primeiro ano sob direção de Sérgio de Castro Pinto (1980-1981). Com base nesse foco, foram escolhidas duas edições que podem exemplificar essa representação na nova fase do suplemento e sua intenção de dar visibilidade aos artistas paraibanos.

Figura 16 — Montagem com as 25 capas que contém participação de artistas visuais paraibanos (1980 e 1981)



Fonte: acervo do Jornal A União

As capas apresentadas na montagem (fig. 16) seguem a ordem cronológica das publicações, ou seja, dispostas da esquerda para a direita conforme suas edições, conforme expressa na tabela 1:

Tabela 1 — Ordem cronológica das publicações.

NÚMERO	ARTISTA	NÚMERO	ARTISTA
128	Gustavo Moura	149	Francisco de Assis Costa (Xico Costa)
131	Domingos Sávio	151	Domingos Sávio
133	Martinho Leal Campos	153	Raul Córdula Filho
135	Fred Svendsen	154	Pontes da Silva
136	José Altino	155	Domingos Sávio

137	Chico Pereira	156	Unhandeijara Lisboa
138	J. Medeiros	157	Guy Joseph
139	Unhandeijara Lisboa	158	Fred Svendsen
140	Elcir Dias	159	Chico Pereira
142	Pedro Osmar	162	Sandoval Fagundes
143	Flávio Tavares	163	José Altino
145	Domingos Sávio	164	Domingos Sávio
146	Fred Svendsen		

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A partir disso, nota-se uma maior frequência de participação nas capas por alguns artistas, sendo o mais citado: Domingos Sávio (5).

Figura 17 — Capas produzidas por Domingos Sávio (131, 145, 151, 155, 164)



Fonte: acervo do Jornal A União, 1980 e 1981.

Domingos Sávio ingressou no *Correio das Artes* em 1980, aos 20 anos, já trazendo a experiência de sua colaboração em outra publicação do jornal *A União*, o suplemento infantil *O Pirralho*, editado por Wilma Wanda, onde desenhava quadrinhos e tirinhas. Após ilustrar um conto de Marcos Tavares, alcançou grande sucesso, o que o levou a se tornar colaborador exclusivo do *Correio das Artes*, tanto como chargista quanto como ilustrador⁹.

⁹ Informações retiradas da edição especial dos 70 anos do *Correio das Artes*, de 2019.

Na edição 145, o *Correio das Artes* trouxe um texto produzido por Walter Galvão sobre a contribuição de Domingos Sávio para o suplemento. Galvão (1981, nº 145, p. 9) pontua os recursos de apoio aos textos (crônicas, poemas) utilizados pelos jornais, destacando o investimento “na possibilidade analítica da ilustração e artistas como Mariza, Elifas Andreato, e Cavani Rosas, entre outros, impõem o seu traço investigativo, humorístico ou sarcástico para valorizar a informação”.

Intitulado "A Arte de Domingos Sávio", o texto explorou as ilustrações desenvolvidas pelo artista no suplemento que acompanhou os poemas e crônicas publicados. Essas ilustrações foram reunidas em uma mostra (fig. 18), separando elas dos seus respectivos textos. Para Galvão (1981), a linguagem de Sávio não é definitiva e sua deficiência técnica, acompanhadas das oscilações do estilo, são superadas pela sua criatividade e por seu sentimento poético e finaliza dizendo sobre a sensibilidade e consciência de mostrar as desigualdades sociais, utilizados das mais variadas técnicas.

Figura 18 — Mostra das ilustrações de Domingos Sávio (1981)



Fonte: Acervo do Jornal A União.

Edição nº 128, 22 de agosto de 1980

Figura 19: Capa do número 128 do Correio das Artes (1980)



Fonte: Acervo do Jornal A União.

A edição número 128 do *Correio das Artes* foi a segunda publicação com a direção de Sérgio Castro Pinto. Logo em sua capa, o suplemento destacou os principais temas abordados na edição, no canto esquerdo: a "Sonata em Dor Maior" de Ingmar Bergman, analisada por Barreto Neto; uma reflexão de Walter Galvão sobre a música paraibana, intitulada "O Sentimento Sonoro"; poesias de Marcos Tavares e Aristides Klafke; e as xilogravuras de Unhandeijara Lisboa com o título "Ingá". No canto inferior da capa, surgiu a provocação "Será o fim do cordel?", um questionamento que surgiu em uma entrevista conduzida por Sérgio Castro Pinto com um dos impressores de literatura de cordel na Paraíba.

Figura 19 — Ensaio fotográfico “QUE ESCURIDÃO É ESSA?” (1980)



Fonte: Acervo do Jornal A União.

Dominando quase toda a capa, intitulada “QUE ESCURIDÃO É ESSA?”, destacou-se o ensaio fotográfico de Gustavo Moura, que integrou toda página 7, onde cinco fotografias do ensaio acompanham o texto de Pedro Osmar. No texto, Osmar faz uma leitura crítica dos “cliques” de Moura, apontando a fome como um tema central, e interpretando as imagens como uma visão de um Brasil futuro. Para Osmar:

A burguesia nunca irá entender um faminto que reclama, que chora, que lhe assalta e que lhe mata. Todos estaremos sempre sobressaltados nas fotos do Gustavo Moura, simpatizante do povo, tentando compreender, como ou, n maneira mais exata de contribuir pela vida a maioria doentia que escorrega, pasmada, rua afora, noite adentro, na fome fabricada, na vida mecânica, fomentada pelas introduções de 3º guerra que percorre a boca do povo (Correio das Artes, 1980, p. 7).

Pedro Osmar, em seu texto, destacou que “Que Escuridão é Essa?” faz parte de um álbum com colaboração dele, as fotografias de Gustavo Moura e com desenhos de Sandoval Fagundes. Além disso, ele mencionou que o álbum será impresso em serigrafia, em edição particular e com tiragem limitada, que será lançado em breve, juntamente com um show do grupo Jaguaribe Carne.

Figura 20 — Páginas da série de Xilogravuras de Unhandeijara Lisboa - Ingá (1980, p. 8 e 9)



Fonte: Acervo do Jornal A União.

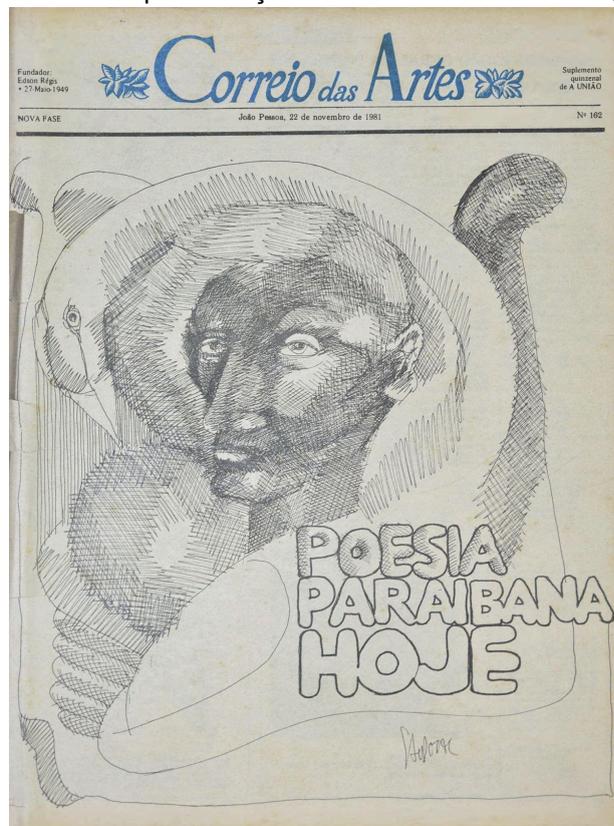
As xilogravuras de Unhandeijara Lisboa aparecem logo em seguida do ensaio de Gustavo Moura, entregando a produção de artista acompanhado com uma apresentação produzida por Raul Córdula Filho, do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) vinculado à Universidade Federal da Paraíba. As xilos de Lisboa são apresentadas em duas páginas (fig. 20), com o texto de Córdula ao lado esquerdo de duas produções localizadas na página 8. O autor apresenta no seu texto uma narrativa das produções de Lisboa, de como o artista não se prende a apenas um suporte, mas experimenta dar mais variedade deles. Além disso, o texto retrata o artista como um reivindicador dos meios de multiplicação, onde ele procura alimentar esses meios, ao mesmo tempo que os critica e não se prende a eles, e os denuncia no seu processo. Cordula continua:

“Ingá-Xilogravuras” é um conjunto de 7 lâminas gravadas durante alguns anos e reunidas agora em álbum. O tema riquíssimo dos sinais rupestres da Pedra de Ingá que tem aparecido na obra de artistas plásticos, músicos e escritores, como partido gráfico ou como suporte — através das lendas que envolvem o monumento pré-histórico — de narrativas místicas, tem sido cada vez mais o motivo de interesse daqueles que se aprofundam na busca do gosto criador do homem nordestino. Estas constantes buscas através dos caminhos que percorrem a noite da memória e esbarram sempre no intraduzível instante em que se exaurem as informações e o objeto da pesquisa torna-se mágico (Correio das Artes, 1980, p.7).

Raul Córdula conclui seu texto observando que Unhandeijara Lisboa explorou essa "inter-realidade" nas suas obras, fazendo do desconhecido tema de sua criação, indo além das gravuras do Ingá, que apenas representam uma parte de sua produção artística. Córdula sugeriu que Lisboa transcendeu a simples representação visual e que o artista opera como se estivesse em busca da essência primordial do universo, procurando assim traços digitais deixados por um possível criador.

Edição nº 162, 22 de novembro de 1981

Figura 21 — Capa da edição 162 do Correio das Artes (1981)



Fonte: Acervo do Jornal A União.

A edição número 162 do *Correio das Artes*, publicada no dia 22 de novembro de 1981, trouxe em sua capa a autoria de Sandoval Fagundes. Na segunda página (fig. 22) do suplemento, no canto esquerdo contém informações dos responsáveis pela edição, supervisor e conselho consultivo. No lado direito, foi informado o que haverá naquela edição. O propósito deste número se dispõe a ser uma mostra da atual da poesia paraibana que, de acordo com o próprio suplemento, não ocupa um compartilhamento em destaque tal qual a poesia brasileira, por causa da sua faixa geográfica.

Figura 22 — Página 2 do Correio das Artes nº 162 (1981)



Fonte: Acervo do Jornal A União, 1980.

Nesta edição, Sandoval Fagundes não só colaborou para a capa do suplemento como também ilustrou 13 das 16 páginas, além de ser o responsável pela diagramação.

Figura 23 — Montagem com 8 páginas ilustradas por Sandoval Fagundes para o número 162 do Correio das Artes (1981)



Fonte: Acervo do Jornal A União.

No final da edição, na página 16, o suplemento anuncia que Sandoval Fagundes realizou uma exposição de seus mais recentes trabalhos na Galeria Gamela, de 26 de novembro a 9 de dezembro. A publicação também inclui um texto de Luiz Augusto Crispim, intitulado "A ANUNCIAÇÃO DE SANDOVAL", no qual o autor escreveu a respeito do artista. Nesse texto, Crispim abordou a fase recente de criação do artista Sandoval Fagundes, destacando o uso recorrente do sentimento de desesperança em suas obras. O autor ainda indagou que o drama de todo artista enfrenta uma luta interna ao tentar manifestar sua visão criativa no mundo. Para Crispim, o amadurecimento do trabalho de Sandoval deu-se:

debaixo de uma verdadeira atmosfera de anunciação. Isso mesmo. O artista volta-se iluminado para o meio em que vive e começa a tocar o real eo grotesco com a ponta dos dedos e as cerdas do pincel, como a querer provar que existem ou simplesmente que não morreram ainda. Por todas essas razões, Sandoval é a síntese do seu próprio tempo. Daí porque a sua obra vai ficar para sempre. (Correio das artes, 1981, p. 16)

O autor citado referiu-se de forma poética a obra de Sandoval Fagundes, ressaltando o aspecto do imaginário do seu trabalho, destacando-o como interpretação contemporânea para época.

Nesse contexto, as capas analisadas evidenciaram uma participação significativa de artistas visuais paraibanos, além de sua inserção no corpo estrutural do suplemento por meio de ilustrações. Observou-se que essas ilustrações não apenas deram visualidade à textualidade do periódico — nos contos, poemas e crônicas —, como também reforçou a divulgação de artistas locais, seja pelas capas, ilustrações ou textos de artistas sobre a produção artística visual paraibana, como Pedro Osmar sobre as fotografias de Gustavo Moura e Raul Córdula Filho sobre as xilogravuras de Unhandeijara Lisboa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, buscou-se analisar o Suplemento Literário Correio das Artes como um veículo de divulgação das artes visuais paraibanas — pois se insere nos conceitos do jornalismo cultural — por meio do estudo das capas, ilustrações e textos, no primeiro ano da direção de Sérgio de Castro Pinto (1980–1981).

O Correio das Artes, por muito tempo, foi um encarte do Jornal Oficial A União. Neste cenário, buscou-se compreender a imprensa como produtor, fomentador e distribuidor de cultura, a partir dos moldes do jornalismo cultural. O início do século XX, acompanhada por mudanças políticas, sociais e culturais, altera o conteúdo produzido pela imprensa, que concentrava-se no século anterior, numa linha editorial voltada para política, comercial, noticioso e literário — que utilizava dos recursos da literatura, mas não era jornalismo sobre literatura (Piza, 2019). Conseqüentemente, essa mudança no conteúdo, necessitou de especialistas nas mais variadas áreas para compor a estrutura de um jornal, incluindo escritores, críticos, revisores, desenhistas e fotógrafos.

A partir disso, Miceli (2001, p. 17) descreveu que toda a “vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais”. À vista disso, a classe artística vê na imprensa uma ótima oportunidade de se profissionalizar e divulgar os seus trabalhos. Essa nova visão abre espaço para o crescimento do jornalismo cultural nos jornais e revistas.

Assim, retomamos a pergunta levantada no início: como o Suplemento Literário Correio das Artes entre, 1980 e 1981, tornou-se um veículo para a divulgação das artes visuais da Paraíba?. Com base nos dados apresentados durante este trabalho, chegamos às seguintes conclusões em relação às questões levantadas, que o *Correio das Artes*: 1) abriu espaço para artistas visuais ilustrarem as edições; 2) respeitou a visualidade dos trabalhos produzidos pelos artistas; 3) ampliou os espaços para as ilustrações para além das capas, como um elemento importante para a diagramação do suplemento; 4) tornou-se uma publicação referenciada e respeitada para os intelectuais da época, circulando em todo o Estado como um veículo fundamental para divulgação das obras dos artistas.

Sendo assim, o suplemento caracterizou-se como um grande fomentador da

produção artística local e, utilizá-lo como objeto de estudo no campo das artes visuais, compreende-se também a história da arte paraibana.

Por meio desta pequena contribuição sobre as narrativas visuais que compõem o Correio das Artes, há o anseio pelo impulso nas investigações da publicação, que tanto contribuiu na propagação das artes visuais paraibanas.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Alômia; BURITY, Luiz Mário Dantas. A revista Era Nova na Paraíba: notas de um modernismo de Estado. **POS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n. 31, p. 121–156, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48780>. Acesso em: 11 out. 2024.
- ABREU, Alzira Alves. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. 2. ed. Campina Grande: Grafset, 1986.
- ARAÚJO, Fátima. Velha dama, excelente mestra. João Pessoa: **A União**, caderno. 1, p. 3, 2013. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2011-a-2015/2013-1/edicoes-especiais/caderno-especial-02-02-2013.pdf/view. Acesso em: 28 ago. 2024.
- A UNIÃO. João Pessoa: **A União**, ano 1, n. 1, p. 1, 1893. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/1893-e-1895/1893/a-uniao-02-02-1893.pdf/view. Acesso em: 28 ago. 2024.
- A UNIÃO. João Pessoa: **A União**, ano 35, n. 42, p. 3, 1926. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1920/1926/fevereiro/a-uniao-21-02-1926.pdf/view. Acesso em: 28 ago. 2024.
- A UNIÃO. João Pessoa: **A União**, ano 52, n. 131, seção. 2, p. 1, 1944. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1940/1944/junho/a-uniao-11-06-1944/view. Acesso em: 28 ago. 2024.
- A UNIÃO. João Pessoa: **A União**, ano 87, n. 156, p. 1, 1980. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1980/1980-1/ago/10-08-1980.pdf/view. Acesso em: 28 ago. 2024.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Correio das Artes: Breves anotações para sua História**. João Pessoa: Editora A União, 2000.
- BASSO, Eliane Fátima Corti. **Para entender o jornalismo cultural**. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 9, n. 16, p. 69-72, jan./jun. 2008. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/702. Acesso em: 02 set. 2024.
- BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil (1824). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 28 ago. 2024.
- CELLARD, André. **A Análise Documental**. In: POUPART, J. et al. (orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 1, n. 1, 1949. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/1949/19490327.pdf/view>. Acesso em: 12 set. 2024.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 2, n. 18, 1950. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/1950/19501231.pdf/view>. Acesso em: 13 set. 2024.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 1, n. 1, 1975.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 6, n. 128, 1980.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 7, n. 145, 1981.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 7, n. 162, 1981.

CORREIO DAS ARTES. João Pessoa: **A União**, ano 70, n. 1, 2019. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/2019/correio-das-artes-marco-2019-especial-70-anos.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

ERA NOVA. Parahyba, ano 1, n. 1. 1921. Disponível em: <https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/eranova1921.html> Acesso em: 6 out. 2024.

FON-FON! Buzinando a modernidade. **Cadernos de Comunicação**. Série memória. 22, Rio de Janeiro: AGCRJ, 2008. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria22.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

FREIRE, Marcelo. **Jornalismo de revista em tablets**: um estudo dos aplicativos para iPad da revista Wired e Katachi. Covilhã: LabCom Books, 2016.

GOUVÊA, Hilton. Porta Voz da república: A União nasce como um órgão do novo regime. João Pessoa: **A União**, Caderno. 1, p. 3, 2013. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2011-a-2015/2013-1/edicoes-especiais/caderno-especial-02-02-2013.pdf/view. Acesso em: 28 ago. 2024.

KLAXON: mensário de arte moderna. **Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin**. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1267>. Acesso em: 10 set. 2024.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, v. 1, 1963.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. *E-book*. ISBN 9788572445252. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788572445252/>. Acesso em: 07

out. 2024.

MARTINS, Eduardo. **A União**: jornal e história da Paraíba: sua evolução gráfica e editorial. João Pessoa: A União, 1977.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

O BRADO ARTISTICO. Parahyba do Norte, ano 1, n. 1, 1883. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/PERIODICOS_PARAIBANOS/1826%20A%201959/O%20BRADO%20ARTISTICO_17-10-1883.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. *E-book*. ISBN 9788572443241. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572443241/>. Acesso em: 20 out. 2024.

PEREIRA, Chico. Nossa escola de jornalismo. João Pessoa: **A União**, Caderno. 4, p. 7, 2013. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2011-a-2015/2013-1/edicoes-especiais/caderno-especial-02-02-2013.pdf/view Acesso em: 28 ago. 2024.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**: 1500-1822 com um breve estudo geral sobre a informação. São Paulo: Kosmos, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUZA, Lidia Lerbach de. A imprensa régia: o tardio nascimento da imprensa brasileira. São Paulo: **Verbum**, v. 9, n. 1, p. 310-323, 05 jul. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/issue/view/2413>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SOUZA JÚNIOR, Luís Roberto de. A influência inconfessável: como o folhetim formou o romance brasileiro. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 9., 2012, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê, 2001.

ZANON, Maria Cecília. Fon-Fon – Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 1, n. 2, 2005.